

A construção identitária a partir do ato de narrar: análise da obra autobiográfica *El país bajo mi piel* de Gioconda Belli

Palavras-Chave: Nicarágua, Gioconda Belli, Revolução

Autores(as):

LUIZA EMANUEL FERREIRA TREVENZOLI, IFCH – UNICAMP

Prof^(a). Dr^(a). SILVANA BARBOSA RUBINO (orientadora), IFCH - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

A Nicarágua possui uma história que reverbera nas nações latino-americanas, mas que não deixa, por isso, de ser dotada de suas próprias particularidades. Sofrendo com a colonização hispânica, o país se torna independente da colônia em 1821, mas é somente em 1838 que alcança o status de república independente (Velásquez Rivera, 2021, p. 15). Em uma sucessão de governos latifundiários, majoritariamente intercalados entre conservadores e liberais, a política nicaraguense vivencia poucos períodos de estabilidade. Aliada às desavenças políticas nacionais, a Nicarágua também é impactada por uma forte influência imperialista estadunidense. Entre 1849 e 1933, os fuzileiros navais dos EUA invadiram por 14 vezes o território nicaraguense.

No início do século XX, as governanças na Nicarágua passaram por uma constante de presidentes conservadores, tendo seu poder local apoiado pelos Estados Unidos. Em meio às contínuas dissidências políticas que já englobavam as relações governamentais no país, passam a surgir grupos opositores que não necessariamente se enquadravam em uma classe latifundiária dominante politicamente. Dentre eles, surge o EDSN: Exército Defensor da Soberania Nacional. Possuindo como liderança central a figura de Augusto Cesar Sandino, o EDSN cresceu exponencialmente enquanto símbolo da resistência às opressões dos mais abastados na Nicarágua.

Com um exército composto principalmente por camponeses, Sandino liderava-os através do uso de estratégias clássicas de guerrilha: emboscadas, alta mobilidade e apoio da população local. Ainda que não tenham derrotado o exército estadunidense, que se retirou do território nicaraguense em 1932 após a crescente oposição à interferência nos conflitos internos do país, a guerrilha de Sandino fez história. Anos após a retirada americana, suas táticas inspirariam a insurreição de Fidel Castro em Sierra Maestra e a figura de seu líder nomearia o movimento guerrilheiro responsável pela vitória nicaraguense contra um regime ditatorial: a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN).

A grande reverberação do nome de Sandino não poderia ser mais simbólica. Embora, nos anos seguintes a sua atuação guerrilheira, seu nome tenha sido pouco evocado enquanto símbolo da resistência, sua figura é recuperada à medida em que os movimentos insurrecionais em Cuba passam a utilizar de suas estratégias de guerrilha. Ademais, a circunstância e o algoz de sua morte marcam não somente seu assassinato, mas o início de uma atuação ditatorial que marcaria a história de todos nicaraguenses. Sandino foi assassinado em 1934, numa emboscada cujo planejamento foi protagonizado por Anastasio Somoza García, da Guarda Nacional (Velásquez Rivera, 2021, p. 31). Dois anos depois, em 1936, Somoza chegaria ao poder através de um golpe político, retirando Juan B. Sacasa da presidência. Os anos posteriores são caracterizados pela permanência dos Somoza no poder; agora, por meio de um regime familiar no qual se intercalavam e sucediam na presidência membros da família — Luis e Anastasio Debayle, filhos de Anastasio Garcia — e sujeitos assinalados por por eles.

Em 19 de julho de 1979, a ditadura Somoza foi derrubada em meio a um movimento revolucionário protagonizado pela FSLN, cujo patrono era justamente Augusto Sandino, representante da resistência ao imperialismo na Nicarágua e líder assassinado por Somoza García. Fundada em 1961 por nomes como Carlos Fonseca e Tomás Borgé (Zimmermann, 2002, p. 47), a Frente Sandinista posicionou-se contra a concentração de renda somozista, seus abusos aos direitos humanos e a repressão e silenciamento de opositores. Composto por jovens, homens e mulheres, maltrapilhos (Zimmermann, 2002) o Sandinismo foi a grande vitória latino-americana pós-Revolução Cubana (Velásquez Rivera, 2021, p. 11), ao alçar ao poder um grupo revolucionário operário e campesino que colocava em questão as lógicas burguesas.

A FSLN é ainda mais especial ao levar em consideração a expressiva participação feminina no movimento de libertação organizado pelo movimento. As mulheres foram um componente essencial da FSLN para a conquista da Revolução Nicaraguense. Ampliando sua participação no movimento por volta da década de 1960 (Zimmermann, 2002, p. 55), quando o Sandinismo atuava na clandestinidade, elas atuavam em frentes diversas. Ainda que o patriarcalismo regesse as relações dentro e fora do movimento, muito também influenciadas pela disseminação de uma cultura burguesa que destinava à mulher o local de subserviência, o Sandinismo foi uma oportunidade de transpor os limites impostos aos femininos.

É nesse espaço em que se localiza a figura de Gioconda Belli. Nascida em família burguesa, mas anti-somozista, em 1948, Belli cresce em meio a uma existência imposta por tensões. Família, gênero, nação; sua vida e suas produções reverberam dilemas não somente do âmbito privado, como também interligados a questões que emergiam nos debates na Nicarágua. Iniciando sua produção literária a partir da poesia, explorando desde o princípio a liberdade feminina em suas diversas perspectivas, a autora fez de sua arte uma ferramenta de produção discursiva. Seus textos e, em especial, sua autobiografia fazem mais do que narrar acontecimentos pessoais ou imaginados que comovem e mobilizam um leitor desatento: eles revelam a possibilidade de se imaginar uma nação.

Dentre os objetivos principais do presente projeto de pesquisa, destaca-se a compreensão dos mecanismos e ferramentas narrativas utilizados por Gioconda Belli ao produzir sua autobiografia, *El país bajo mi piel*, com copyright de 2000 e publicação traduzida no Brasil em 2002 — edição, esta, utilizada para a pesquisa. Para tal, foi fundamental, para além do estudo da obra em si, a análise de todas as particularidades que envolvem sua produção e circulação, para a qual foi imprescindível a utilização da metodologia da História Intelectual, voltada para a perspectiva do grupo da Universidade de Quilmes, aqui, representado por Carlos Altamirano e Jorge Myers. Ademais, outros objetivos importantes para o delineamento e desenvolvimento da pesquisa foram o reconhecimento da autobiografia e suas relações com a literatura de testemunho, a complexificação do contexto histórico e político nicaraguense, o desenvolvimento de Belli enquanto intelectual, a investigação da conceituação de uma “cultura literária da mulher exilada” (González-Quevedo, 2018, p. 227) e a autobiografia *El país bajo mi piel* enquanto meio de expressão de um trauma originado com o regime ditatorial e sua resistência revolucionária.

METODOLOGIA:

De acordo com Jorge Myers, especialista em história intelectual e das ideias:

“Uma formulação muito sucinta poderia ser a seguinte: a história intelectual consiste em uma exploração da produção doutra realizada pelas elites letradas do passado, enfocada a partir de uma perspectiva que considera a própria condição de inteligibilidade histórica dessa produção como derivada de sua reinserção (por parte do pesquisador) em um contexto social e cultural – simbólico e material – historicamente específico que, na maioria dos casos, será o contemporâneo dessa produção.” (Myers, 2016, p. 24-25)

A utilização desta ferramenta metodológica é fundamental para a construção de uma análise que privilegie o contexto que circunda e envolve externamente o objeto de estudo, compreendendo como, a partir dele, o produto doutra se formula, mas também as particularidades que regem o funcionamento do próprio objeto. Autor, data, redes de comunicação e outras esferas do objeto doutra tornam-se fundamentais para a elaboração dos produtos de conhecimento que perpassam a obra. A história intelectual, para além das influências de outras escolas do pensamento, também se privilegia do contato com a literatura (Altamirano, 2007, p. 11)..

Esse contato, todavia, não necessariamente deve desembocar na dura e direta entrega do objeto literário aos braços da crítica literária: “esta [‘literatura das ideias’] não agrega apenas conceitos e raciocínios, mas igualmente elementos da imaginação e da sensibilidade” (Altamirano, 2007, p.13). O espaço fronteiro da “literatura das ideias”, na História Intelectual, encontra local para desenvolvimento. Segundo Altamirano, o elemento comum a essa fronteira discursiva seria justamente a enunciação da palavra a partir de uma posição de verdade, “independentemente de quanta ficção se aloje nas linhas desses textos” (Altamirano, 2007, p. 14). Assim, pretende-se a investigação da obra *El país bajo mi piel* a partir deste encontro de áreas, que possibilita uma construção conjunta, interseccionada, do objeto em função de sua multiplicidade.

A partir da exposição da própria trajetória, Belli procura construir narrativamente elaborações a respeito de vivências diversas na Nicarágua. Alcançando desde o período ditatorial somozista até primeiros anos após a derrota eleitoral da revolução, a autora cria um escopo amplo de análises — que chegam a ultrapassar seu próprio momento de nascença — que foge do âmbito privado e faz com que sua própria história se emaranhe a história de uma nação. Como numa literatura de autoexame e auto-diagnóstico (Altamirano, 2007, p. 16), ela produz respostas para questões que fundamentam os debates latino-americanos: *quem somos nós, nicaraguenses?*

A autobiografia, neste caso, expande sua esfera de atuação e torna-se instrumento de postulação política. No livro “Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América hispânica”, Sylvia Molloy debate o papel coletivo do exercício autobiográfico. Procurando descobrir “quais são as fabulações a que [o sujeito da autobiografia] recorre uma escrita de si em um certo espaço, em um certo tempo e em uma certa linguagem, e o que essas fabulações nos dizem sobre a literatura e a cultura a que pertencem” (Molloy, 2003, p. 14). Em um contexto no qual o nacional se encontra em amplo debate, o estudo das autobiografias levanta uma grande questão: “para que, então, se escreve? Para a Verdade? Para a Posteridade? Para a História [...]?”. O trabalho de Molloy é essencial para o estudo da obra autobiográfica de Belli, permitindo a compreensão dos limiares entre público e privado, sujeito e pátria, que permeiam a autobiografia hispano-americana (Molloy, 2003, p. 17).

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Esse trabalho tem como objeto principal de análise a obra autobiográfica *El país bajo mi piel*, da escritora nicaraguense Gioconda Belli. Possuindo copyright nos anos 2000, primeira publicação na Espanha em 2001 e chegando ao Brasil em 2002 pela Editora Record, este livro não se restringe aos limiares das decorrências de vida de uma mulher, revolucionária, literata. Mais do que narrar suas próprias experiências, Belli, através da escrita de si, desenvolve uma produção que, enquanto objeto intelectual, ultrapassa seus próprios limites contextuais e alcança a experiência coletiva.

Nascida em 1948, Belli foi criada em uma conjuntura de tensões. Sendo filha de uma família burguesa, a qual ocasionou uma criação totalmente envolta pelas relações sociais que configuram o papel da figura “mulher” em confronto com os demais, o patriarcado influenciou diretamente as formas pelas quais estabeleceu sua própria existência. Matrimônio e maternidade foram conceitos que, ao longo de seu desenvolvimento na infância e adolescência, representaram não somente conceitos fundamentais como também possibilidades de libertação e existência.

Ao mesmo tempo em que se construía enquanto sujeito em um ambiente influenciado pelos costumes burgueses patriarcais, a família direta de Belli também se posicionava enquanto oposição ao regime ditatorial somozista, que coordenava as relações governamentais na Nicarágua desde 1936. Ainda que aliados a conservadores, alguns de seus familiares, como seu primo Maurício e seu irmão Humberto, chegaram a, inclusive, participar de revoltas e insurreições contra a ditadura Somoza. No entremeio entre duas experiências aparentemente conflitantes, Gioconda surge enquanto possibilidade

de interseccionar diferentes vivências que, por meio de suas tensões, possibilitam construções ricas sobre a Nicarágua, a Revolução e as diversas possibilidades de existência nesses contextos.

As produções de Belli, contudo, não nascem apenas como consequências das interligações entre as vivências de seu gênero e a história de sua família. Outro componente primordial para a fundamentação de sua identidade é o espaço em que ela se constrói: a Nicarágua. “Duas coisas que não decidi acabaram decidindo minha vida: o país onde nasci e o sexo com que vim ao mundo” (Belli, 2002, p. 15), disse a autora logo na introdução de sua autobiografia. A Pátria e a liberdade que tanto guiavam o desenvolver da trajetória revolucionária nicaraguense, também foram elementos fundamentais para que Belli não somente se constituísse enquanto sujeito, como também alcançasse os alicerces necessários para que pudesse produzir sobre tantos sujeitos e experiências outras.

CONCLUSÕES:

Para além da construção da “auto-imagem”, sustentada pelo autobiógrafo no presente de sua narração, o teor testemunhal do texto é evocado em *El país bajo mi piel*, refletindo a dimensão comunitária do exercício autobiográfico. Nesse sentido, Belli não se limita ao infinito da subjetividade e narra, em um gesto público, concepções acerca das reverberações coletivas de sua própria história. Suas produções revelam não apenas a circulação de seus livros enquanto produtos doutos, como, inclusive, a própria intenção da autora de garantir, para si, a o direito de narrar sua nação e, conseqüentemente, colocar-se no hall dos intelectuais nicaraguenses — cânone majoritariamente relegado às figuras masculinas, entre o poeta e o revolucionário (kindle). A conexão narrada entre Belli e a pátria, conseqüentemente, perpassa também pelas aproximações e distanciamentos pela qual esta relação passa. Esses dilemas também se fazem presentes em sua autobiografia. Por meio do produto literário, a escritora, revolucionária, mulher, mãe e nicaraguense, Gioconda Belli, cria seu testemunho como forma de postular uma interpretação sobre qual seria uma verdadeira identidade nicaraguense.

BIBLIOGRAFIA

- ALTAMIRANO, C.. Idéias para um programa de História intelectual. **Tempo Social**, v. 19, n. 1, p. 9–17, jun. 2007.
- BABB, Florence E. After revolution: **Mapping gender and cultural politics in neoliberal Nicaragua**. University of Texas Press, 2001.
- BELLI, Gioconda. **O País Sob Minha Pele: Memórias de amor e guerra**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.
- GONZÁLEZ-QUEVEDO, María. El país bajo Persépolis: retratos femeninos del exilio de Gioconda Belli y Marjane Satrapi. **Revista Historia Autónoma**, n. 13, 2018.
- MYERS, Jorge. In: SÁ, Maria Elisa Noronha de (org.). **História intelectual latino-americana: itinerários, debates e perspectivas**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016, p. 23-56.
- MOLLOY, Sylvia. **Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América hispânica**. Argos, 2003.
- VANNINI, Margarita. **Memoria y política en Nicaragua: Resignificaciones y borraduras en el espacio público**. F&G Editores, 2021.
- ZIMMERMANN, Matilde. **A revolução nicaraguense**. Unesp, 2002.